

MEMÓRIAS DE BUDAPESTE

Como a Arquitetura Icônica pode colaborar positivamente com a vivência dos idosos na capital húngara

Lauren Nicole Gonçalves Duarte¹

Resumo

O seguinte texto trata do processo de adaptação da cidade de Budapeste e de seus moradores diante das memórias negativas de seu passado, relacionadas à Segunda Guerra Mundial e ao nazismo. Assim, como estudo de caso, é tomada a capital da Hungria para uma reflexão acerca da Arquitetura de Simbolismo, a qual é apresentada, no decorrer da leitura, como uma forma de expressão dos traumas sofridos pela população local, que precisou aprender a conviver com as lembranças do seu passado marcado pela Grande Guerra. Por conseguinte, tal tipo de arquitetura pode ser lida como um instrumento que auxilia a população mais idosa a se conectar com suas memórias, de modo palpável e material, na sua vida atual cotidiana, visto que a arquitetura e o urbanismo da cidade conseguem expor sua história e seu 'legado'. Assim, é mostrado como a Arquitetura Simbólica colabora, de certo modo, com o envelhecimento na cidade.

Palavras-chave: Budapeste, arquitetura icônica, envelhecimento, guerra, pertencimento.

BUDAPEST MEMORIES

How the Iconic Architecture can positively collaborate with the experience of elderly in the hungarian capital

Abstract

The following text is about the adaptation process of the city of Budapest and of its residents in the face of the negatives memories about its past, related to World War II and Nazism. So, as case study, the author chooses Hungary's capital to a reflection about Symbolism Architecture, which is shown, by the reading, as a manner of expression of local people's traumas, whom need to learn how to live together with the memories of its past marked by the Great War. Thus, this type of architecture can be understood as a instrument that assists the elderly population to connects themselves to their memories, in a palpable and material way, in their current everyday life, since the architecture and the urbanism of the city exposes its history and its 'legacy'. Therefore, it is shown how Symbolic Architecture collaborate with the aging in the city.

Keywords: Budapest, iconic architecture, aging, war, belonging.

Introdução

Ao longo da formação acadêmica como arquiteto e urbanista, o aluno se depara com aulas teóricas que contam a história da Arquitetura e do Urbanismo desde antes do período Clássico dos gregos e romanos. É instigado nele a vontade e a necessidade de aprender a olhar para o passado com olhos atentos, de forma a adquirir não apenas vocabulário, mas também domínio sobre as mais diversas formas de fazer arquitetura e urbanismo; ele aprende a observar o mundo com um olhar mais exploratório, mais curioso. Geralmente, a partir do contato com o passado, o aluno começa a notar que aquilo que já foi criado e construído deixa marcas na realidade presente.

Como estudante, a teoria está quase sempre sendo aplicada juntamente com a prática durante a concepção de projetos, visto que as disciplinas de teorias e de projeto/ateliê estão presente durante praticamente todo o curso de Arquitetura e Urbanismo. No entanto, quando profissionais, por vezes, os indivíduos passam a se preocupar mais com o futuro da sua criação, com as implicações que ela terá no agora, que acabam por esquecer da importância de olhar para trás e notar os efeitos já atuantes na sociedade do que aconteceu lá atrás. Acabam por desenvolver projetos 'deslocados' no espaço-tempo, projetos que não têm alma, que não contam a história do lugar ao qual foi projetado, que não são voltados a um público específico; praticamente é como se as antigas 'casas de catálogo' estivessem sendo ofertadas ao público novamente, visto que o estudo prévio da história do local de implantação poucas vezes importa ao projetista.

Quando profissionais, é necessário notar o impacto que determinadas pré-existências físicas e/ou sociais, de um lugar, gera, ou já gerou, na população de onde se pretende atuar. População essa, a qual, sendo o elenco de seu próprio filme, sem a arquitetura, não possui direção de arte, equipe de fotografia, nem efeitos visuais. A arquitetura possui o dom de não apenas encantar o usuário, como também de fazer parte da história das pessoas. De servir de berço das singelas memórias de um casal de idosos que se conheceu em uma plataforma de trem localizada em frente a uma rua extremamente arborizada, no quente verão de 1927.

A capital da Hungria enfrentou incidentes trágicos e que mudaram o rumo da vida de milhares de pessoas que até então lá residiam; a morte e as barbáries da Grande Guerra foram devastadoras para Budapeste. A qual se reergueu, aos poucos e lentamente, com o auxílio de um tipo muito singular de arquitetura, a Simbólica. E é plausível apontar que, graças a ela, envelhecer em Budapeste foi mais fácil, uma vez que a história dos antigos moradores - sobreviventes ou não - está por todos os lados da cidade; é lembrada constantemente, sendo reforçada a ideia de luta e de superação de um povo gravemente agredido e cheio de cicatrizes de guerra, o qual tem, na arquitetura e no urbanismo de sua cidade, lembranças palpáveis de sua resistência.

Portanto, este artigo tratará da arquitetura como símbolo, como marco icônico de momentos históricos importantes para a capital Húngara, sendo apontar como esse fato pode auxiliar na preservação da história de uma população e de sua localidade, além de contribuir com a noção de pertencimento dos moradores, principalmente os mais idosos, seus objetivos de pesquisa. Ademais, esse texto terá os seguintes itens a seguir: Metodologia; Resultados; e Conclusão; além das referências bibliográficas ao término da dissertação.

Metodologia

Esse artigo, para responder a pergunta de pesquisa e atingir o seu objetivo vai

¹ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).



fazer uma revisão teórica dos seguintes trabalhos publicados por seus respectivos autores: “Arquitetura e simbolismo: novas abordagens no campo da análise do espaço e da cidade.” de Ribeiro (2009); “Cidade contemporânea, memória e preservação patrimonial: uma interpretação a partir das preexistências culturais.” de Edelweiss (2016); “Inferno: o mundo em guerra 1939-1945” de Hastings (2011); e o “Manifesto da Arquitetura Futurista.” de Antonio Sant’Elia (1914). Os dois primeiros textos conversam entre si, ao apontarem a necessidade de preservação da memória através da sua arquitetura - icônica ou patrimonial - e de seu urbanismo. Hastings foi escolhido por trazer explicitamente o horror da grande guerra e suas consequências para Budapeste, no seu livro. Já Antonio Sant’Elia é conhecido por exaltar a Arquitetura Futurista, a qual pode ser vista como uma arquitetura anti-histórica; seu texto foi consultado de modo a conhecer outras visões acerca do tema.

O estudo de caso será Budapeste (Figura 1), como já previamente falado, devido ao seu passado histórico marcado por extrema violência, em específico ao povo judeu, aos homossexuais e aos negros, além dos demais indivíduos perseguidos pelo partido nazista e seus seguidores, durante a Segunda Guerra Mundial. A capital da Hungria foi violentamente atacada e dizimada durante a Grande Guerra, e tais fatos pouco são conhecidos até hoje, visto que a região não era/é alvo de interesse internacional à nível de outras cidades ou países europeus, como a Polônia, onde existia o campo de extermínio de Auschwitz. Durante alguns anos Budapeste foi violentamente atacada e, ainda assim, se reergueu, sem apagar da sua arquitetura e do seu urbanismo os traços e as lembranças de seu triste passado. As marcas do que seu povo passou, das torturas, do sofrimento a que foi submetido, está contado ao longo de trajetos pela cidade de Budapeste; e, isso demonstra o quanto é primordial manter a história, manter o passado vivo na atualidade das cidades, pois é uma forma de manter a memória afetiva daquele lugar e de contribuir para que os moradores sintam-se parte da história de onde vivem, vejam a sua história de luta e de resistência contada nas paredes e nas ruas da sua cidade.



Figura 2 - Museu da História Militar, em Dresden, Alemanha. A “ponta” da intervenção de Libeskind indica a origem das bombas da Segunda Guerra Mundial. Fontes: Nessa Gnatoush / Shutterstock. Nessa Gnatoush / Shutterstock.

Resultados

Arquitetura de simbolismo

Ao observar, hoje, o Museu da História Militar (Figura 2), em Dresden, na Alemanha, talvez, em um primeiro momento, uma sensação de estranheza ou de espanto surja pela forma arquitetônica diferenciada da construção; há quem não goste e julgue de péssimo gosto a arquitetura do lugar, dizendo que “aquilo” não é arquitetura de verdade; tem quem ache inovador, moderno, e queira recriar na sua cidade. As opiniões a respeito da estética e da forma da obra são inúmeras, e podem concordar entre si, ou não; porém ao ler sobre a história do lugar, não há quem, depois, não passe a olhar para o Museu - e para sua arquitetura bela ou não - com outros olhos. Isso é a Arquitetura de Simbolismo.

Durante a história da cidade de Dresden, o edifício passou de arsenal para museu, em 1897, e só sobreviveu aos bombardeios das guerras porque a cidade não estava no centro das batalhas. Com a queda do Muro de Berlim, ele foi fechado; sua reabertura se deu somente em 2001, quando decidiu-se construir uma “extensão” para refletir o atual pensamento da Alemanha dos dias de hoje sobre a guerra. Daniel Libeskind, foi o arquiteto responsável por tal tarefa.

A reforma, além de fugir dos padrões mais comumente seguidos - manter os mesmos materiais e as mesmas técnicas do período da construção preexistente -, traz, em si, características históricas. A ponta do volume pontiagudo indica o local onde os bombardeios da Segunda Guerra começaram. A história, não apenas daquela cidade ou daquele país, mas da humanidade, está exposta “no” edifício, na sua fachada. A transparência utilizada por Libeskind na sua obra busca representar a tentativa da Alemanha em encarar o seu passado.

Ribeiro (2006) cita Joseph Rykwert, um discípulo de Wittkower, cujos escritos contam com a ideia de que “toda forma apresenta um significado simbólico”. E esse pensamento é básico para compreender a Arquitetura de Simbolismo. De que adianta criar algo



Figura 3 - Cartão postal de Budapeste - Parlamento Húngaro. Fonte: Viagen, Turismo e Aventura.

belo se a beleza não encanta a alma? Se não chega a tocar realmente o usuário como a história do Museu da História Militar, de Dresden, toca, mesmo confundindo a noção de beleza que há dentro de cada pessoa? De nada adianta. De nada serve. Segundo Rykwert, a memória de uma comunidade e a história são condicionantes da percepção, e isso deve ser compreendido, pelo arquiteto, como “método e instrumento de trabalho”.

Conforme a colocação de Edelweiss:

(...) compreender o tecido urbano como algo que abriga obras edificadas pertencentes à memória coletiva e que, isoladas ou não, por sua vez, fazem parte de um conjunto complexo que representa fatos urbanos, constituindo o patrimônio cultural de uma determinada cidade. Dessa maneira, a leitura da cidade deve considerar todos os aspectos postos em diálogo, como, por exemplo, as vozes de memória histórica, políticas públicas, interesses privados ou as do ativismo urbano (EDELWEISS, 2016, p. 155).

Assim, a Arquitetura de Simbolismo retrata, na obra arquitetônica, valores sociais, históricos, políticos, éticos..., ou seja, é uma edificação que significa muito mais do que a sua simples construção. É uma arquitetura que quer contar algo, quer representar um povo, quer falar através de suas paredes, de suas janelas, de seus materiais. Esse tipo de arquitetura é especial, forte e atrevida; é o tipo de mais puro e genuíno de criação arquitetônica, pois tem vida.

Através dela, a história e, até mesmo, o envelhecer é compreendido de outra forma, visto que a importância que é dada ao passado, ou à acontecimentos valiosos para certa comunidade constituem o cerne de uma compreensão a cerca de um envelhecer saudável, de um envelhecer instigante. Se, no passado, as pessoas mais idosas eram mais acostumadas a viverem reclusas, atuando em atividades que eram ‘determinadas’ para sua faixa etária, hoje, não mais é assim; os mais velhos estão assumindo sua



Figura 4 - Plano do Gueto de Budapeste em 1944 - 07. Ghetto judío. Fonte: El Holocausto.

posição como parcela importante dentro da sociedade no mundo globalizado e estão mostrando que suas vidas não podem ser esquecidas, que suas contribuições não devem ser apagadas da história. Tal posicionamento demonstra como a Arquitetura Icônica pode atuar em prol de uma parte ainda muito negligenciada das comunidades, exaltando o passado - muitas vezes não tão distante, como se imagina -, dando oportunidade para essas pessoas contarem suas histórias e elas serem passadas adiante através de monumentos, símbolos e intervenções urbanas que representem os idosos de determinados lugar e sua importância, como pessoas e como detentores do saber.

Segunda guerra mundial e gueto de budapeste

O século XX foi marcado por duas grandes guerras que dizimaram populações de diversos países do mundo; a Segunda Guerra Mundial, trouxe consigo a perseguição em massa ao povo judeu, como é amplamente sabido. Os alemães espalharam a ideia de sangue puro, de raça superior, excluindo negros, homossexuais, e, judeus. Assim, grupos de populações judaicas eram intimidadas pelo exército e pela própria comunidade alemã, de forma a passarem a se esconder para não terem na morte o seu fim. Na Itália, ainda no século XVI, surge o termo “gueto” para designar um bairro judaico em Veneza, que foi criado pelas autoridades para manter o povo judeu somente nesse local da cidade. Ao longo dos próximos séculos, esse ideal se manteve, e novos guetos foram surgindo com a mesma finalidade de exclusão e de controle.

Quando chega a Grande Guerra, no século passado, os guetos tornam-se locais miseráveis destinados a conter o povo judeu, de forma a mantê-los sob péssimas condições de vida. Isso durou até aproximadamente o início da década de 1940, quando o início do extermínio em massa dos judeus, pelos alemães, começou, de fato, e os guetos foram, aos poucos, deixando de existir. A população judaica era fuzilada e seus corpos eram atirados em valas, ou eram mandados em trens para campos de extermínio. Muitos guetos tentaram bravamente resistir; em alguns casos, os membros dos guetos, até mesmo, articularam revoltas armadas na tentativa de escaparem das

Figura 5 - Milícia húngara e um tanque alemão Tiger II, em Budapeste, em outubro de 1944. Fonte: Wikipédia.



crualdades a que eram submetidos pelo simples fato de serem judeus.

A Hungria foi invadida alguns anos mais tarde pelos soldados de Adolf Hitler, em 1944, como pode ser observado nas Figuras 5 e 6. E, segundo Hastings (2011), é a partir dessa data que o isolamento dos guetos teve início por lá; com exceção da capital Budapeste, milhares de judeus foram concentrados em guetos de “curta destruição a curto-prazo” ao longo das terras Húngaras. A população dos guetos foi rapidamente deportada para campos de extermínio em locais próximos. No entanto, em Budapeste (Figura 3) foi diferente. Primeiramente, a cidade havia sido excluída dos planos de construção de um gueto judeu, porém, posteriormente, essa realidade mudou, em novembro de 1944. O “cerco à Budapeste”, como ficou conhecido, foi, de certo modo, um prefácio do que viria a acontecer em Berlim em seguida, e, ocorreu já no fim da guerra. Ataques soviéticos intensos sobre a capital húngara marcaram esse momento da história; o que, por um lado era positivo por estar contendo o avanço alemão sobre Budapeste, por outro envolvia a morte de civis húngaros que acabavam em meio ao campo de guerra. Vale ressaltar que uma parcela de soldados da Hungria estava lutando do lado da Alemanha nazista.

O bombardeio soviético sobre Budapeste se deu em 26 de dezembro de 1944, contando com canhões e com ataque aéreo por horas na capital. Segundo Hastings (2011, p. 623), entre outubro de 1944 e a queda da cidade (em 11 de fevereiro de 1945), cerca de 105.453 judeus foram mortos. Ademais, além da brutalidade já sabida a respeito da Segunda Guerra Mundial, outro fator muito conhecido também se repetiu, infelizmente, no Gueto de Budapeste (Figura 4), após a conquista do local pelos soviéticos; esses iniciaram uma onda de assassinatos, roubos e estupros em massa contra a população restante. De acordo com Beevor (2015, p. 749), aproximadamente, 10% das mulheres de Budapeste foram estupradas pelos soldados soviéticos. Ou seja, os salvadores eram, na verdade, também opressores cruéis.

A partir de tais observações, é possível imaginar a quantidade bastante significativa de traumas que aqueles moradores passaram a conviver no seu cotidiano, mesmo após o fim da guerra. Foram traumas físicos e psicológicos que fizeram companhia à vida dos sobreviventes durante os anos seguintes; viver em uma cidade com um passado marcado de sangue, certamente, mudou a história que muitos estavam escrevendo para suas vidas. E, não apenas àqueles que vivenciaram os horrores, mas para suas famílias também, seus sucessores, que possuem uma herança psicológica muito



Figura 6 - Mulheres judias capturadas na rua Wesselényi, entre 20 e 22 outubro de 1944, em Budapeste, na Hungria. Fonte: Wikipédia.

negativa.

Passado, atualidade, envelhecimento, pertencimento

Ribeiro (2009) em seu artigo “Arquitetura e simbolismo: novas abordagens no campo da análise do espaço e da cidade”, traz que, segundo a obra “Architectural principles in the Age of Humanism” de Wittkower, (1949), os famosos arquitetos renascentistas Palladio e Alberti ao fazerem uso das proporções matemáticas, estavam buscando expressar algo espiritual, que estava presente no comportamento de todos os povos; dentro da religiosidade que era tida como aceitável à época. Isso demonstra que, desde o século XVI, aproximadamente, os arquitetos buscavam reforçar através da sua própria arquitetura - cada artista ao seu modo - sua preocupação em exaltar o ser humano em suas obras. Vale refletir diante disso que tal posicionamento, o de integração entre arquiteto e população alvo ainda existe nos dias atuais, através de criações que respeitam e, até mesmo, enaltecem a história de um povo, tenha sido ela dolorosa ou não.

Durante a época do Modernismo, entretanto, houveram casos de cidades e de edificações criadas e modificadas sem preocupações com seus usuários e com suas histórias e identidade. Antonio Sant’Elia (1914), inclusive, defendia que, na vida moderna, por exemplo, a importância da “arquitetura monumental ‘comemorativa’ ” é inexistente, de modo que, construções de cunho histórico-memorativo deveriam ser demolidas. Atitude, essa, que destruiria, conseqüentemente, as memórias de alguém e sua bagagem histórica, as quais contribuem significativamente para a identidade, não apenas pessoal, como também da cidade.

Também na mesma época, é encontrada a Carta de Atenas, elaborada durante o Modernismo, a que Ribeiro (2009) cita:

(...) a obra² exerceu forte influência no grupo dos arquitetos ingleses capitaneados pelo casal Smithson: trata-se da primeira geração de arquitetos que embora saindo da tradição dos CIAMs³ questiona os princípios da Carta de Atenas e da arquitetura da primeira modernidade

2 A “obra” a que ele se refere é “Architectural principles in the Age of Humanism” de WITTKOWER, Rudolf, (1949).

3 CIAMs: Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna.

como sendo princípios geradores de cidades sem alma, sem vida urbana, sem identidade e sem vínculos afetivos (RIBEIRO, 2009).

Tal afirmação demonstra como sua posição era contrária aos casos em que cidades e, é possível arriscar dizer edificações, eram criadas e modificadas sem a mínima preocupação com seus usuários e com suas histórias e identidades. Esse tipo de criação arquitetônica neutra, por assim dizer, dificulta que a população se sinta parte integrante do meio em que vive, de modo que sua participação popular acaba limitada, por exemplo, por acreditarem que não possuem falas importantes para o seu território de moradia. Além disso, tal tipo de posicionamento tem o poder de, por vezes, destruir as memórias de alguém; ao não ser consultada, a população de determinada região perde sua voz e sua identidade ao serem desprezados símbolos arquitetônicos do lugar. Desse modo, o processo de envelhecimento acaba sendo mais doloroso, já que suas lembranças de infância, por exemplo, foram apagadas fisicamente para dar origem a um novo empreendimento. O cuidado que se deve ter com as pessoas mais velhas é extremamente valioso e diferenciado, uma vez que são pessoas, muitas vezes, marginalizadas em relação às decisões tomadas pelos poderes públicos. Cabe ao arquiteto e urbanista, assim, fazer valer a opinião daqueles que possuem pouca voz na sociedade, mas que configuram parcela muito significativa socialmente.

Tomando por exemplo a cidade de estudo, local de moradia de milhares de pessoas, se seus monumentos históricos fossem retirados por desconhecidos - arquitetos ou não - seria como se parte de seus indivíduos fosse arrancado daquele lugar, pois esses monumentos não são 'apenas' instrumentos de saber, meios de contar o passado e de fazer a história do local ser lembrada no cotidiano das pessoas, mas, também, maneiras de manter as memórias individuais vivas. A população mais idosa, em especial, possui vínculos afetivos, memórias particulares muito importantes para sua compreensão enquanto indivíduo, de modo que a cidade que foi palco de tantas das suas lembranças - amigáveis ou não - deve ser preservada como forma de preservar o ser humano, a sua dignidade. Sendo assim, antes de qualquer atitude ser posta em ação, se deve dialogar com os residentes do local, a fim de que as cidades "sem alma, sem vida urbana, sem identidade e sem vínculos afetivos", como descreve a Carta de Atenas, não mais sejam desenvolvidas, não mais sejam projetadas. Até mesmo porque, diversas vezes, o arquiteto e urbanista que assinará o projeto, não reside naquela região, desconhece a história daquelas paredes de tijolos de barro, de quem as ergueu, do porquê foram erguidas, e da sua importância às pessoas.

O problema é que, mesmo que se estude com tanto afinco a teoria da arquitetura e do urbanismo nas universidades, há locais, no mundo, em que algumas memórias acabam por serem apagadas arquitetonicamente. Quando os resquícios são dolorosos ou remetem a lembranças que se deseja esquecer, é muito comum que o pensamento seja de "destruir, por abaixo, construir algo novo", a fim de esconder a dor. No entanto, o papel do arquiteto é garantir que as histórias contadas no físico, ou seja, construídas fisicamente, não sejam apagadas, talvez, principalmente, quando a memória afetiva daquele lugar trouxe lembranças angustiantes. Pois essas recordações fazem parte dos moradores daquela região, são elas que contam a história dessas pessoas e, muitas vezes, conseqüentemente, contam parte da história do lugar. A cidade, e sua história, é formada por cada pessoa e suas individualidades, por isso é tão importante dar voz a todos.

Os vestígios e a participação do passado na arquitetura e no urbanismo atuais

Assim, nota-se que o passado deixa marcas na arquitetura e no urbanismo atuais de forma positiva ou não; seja através de grandes descobertas, seja por meio de cidades que, destruídas por guerras, tiveram que se reerguer e reconstruir cada espaço, cada

rua e tornar aquele novo lugar seu novamente e criar novas lembranças, sem apagar as antigas - muitas vezes, até mesmo por não conseguir - e, assim, seguir em frente. A arquitetura tem esse poder: o de poder abraçar o passado que vive nas calçadas e nas paredes das construções antigas, e inserir novas memórias através da vida dos moradores atuais. A população de idade mais avançada, por exemplo, não apenas possui memórias particulares, como também detém conhecimento que pode, e deve, ser valorizado pelas novas gerações, o que, ainda, pouco acontece. A falta de esmero pelos idosos é uma das queixas mais frequentes por essa parcela da população, e a Arquitetura Icônica pode auxiliar essa parte da população a ter sua história conhecida e mantida viva, não apenas na mente dessas pessoas, como também nas construções da sua cidade - contribuindo, inclusive, para disseminação do conhecimento passado. Alguns autores, como Sandra Pesavento, citam que a cidade é muito mais do que um espaço, ela importa, de fato, pelas relações que são estabelecidas nesses territórios e que, dali, fazem surgir uma história própria e única a ser contada. Segundo Pesavento (2007), para a Revista Brasileira de História:

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do habitar, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do humano: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais (PESAVENTO, 2007).

Em cima disso, vale analisar como a influência do passado, juntamente - e de maneira interligada - às experiências de indivíduos são fatores modificadores da arquitetura e do urbanismo. E, tendo essa reflexão, é notável como o processo inverso também é verdadeiro. O envelhecimento humano acaba por ser auxiliado por essa área das ciências sociais, a qual tem o poder de contar e de exaltar as histórias tanto de grupos específicos da sociedade, quanto as memórias de uma cidade, de um povo, através de meios físicos, palpáveis; e tal fato faz com que as pessoas tenham maior apreço por suas cidades, haja vista que elas contam a história de seus moradores. A população idosa de Budapeste é, por assim dizer, privilegiada por possuir uma arquitetura que exalta suas características enquanto povo, suas dores ligadas ao seu trágico passado, e sua resistência e resiliência diante dos horrendos acontecimentos que cercam a história da capital Húngara. Privilégio, pois isso torna o passado, desses antigos habitantes, algo palpável ao "trazer" o ontem para o hoje - ao retomar situações de décadas anteriores por meio de monumentos, edificações e intervenções urbanas; e isso corrobora as memórias das pessoas mais idosas, isso dá 'valor' às suas tristes lembranças.

Ademais, apagar as memórias da arquitetura, não as apaga da mente dos sobreviventes - os quais, hoje, idosos, contam e compartilham suas lembranças com os demais -, dos historiadores, ou dos curiosos que buscam conhecer mais do lugar que visitam, por exemplo. Não diminui a dor, apenas a torna imaterial. Na arquitetura e no urbanismo, a materialidade, no sentido da existência de algo, não da sua mera concepção imaginária, ocorre para dar sentido aos desejos, para dar voz às necessidades e às emoções; sendo assim, como dar voz à dor de um povo que possui cicatrizes de guerra, com uma arquitetura que apaga os resquícios palpáveis do que aconteceu?



Figuras 7 e 8 - O Monumento aos Mártires Judeus, que é representado por uma árvore de metal, a Árvore da Vida. Seus galhos possuem milhares de folhas, onde foi inscrito o nome dos judeus húngaros mortos na Segunda Guerra Mundial, e daqueles que se sacrificaram, de um modo ou outro, e salvaram vidas. Fonte: Imagem 7 - Simone Soares; Imagem 8 - Lara David e João Gonçalves.

É por isso que, ao lado das imagens icônicas da materialidade urbana, há toda uma outra linha de representação que exhibe a cidade através da sua população, com suas ruas movimentadas, o povo a habitá-la, a mostrar sua presença e também a sua diversidade, em imagens ora ternas, ora terríveis de contemplar... Mesmo as cidades fantasmas, aquelas de onde a população retirou-se pelos efeitos da guerra, dos movimentos da história ou de catástrofes naturais são reconhecíveis para nós como cidades, porque guardam as marcas, as pegadas, a alma, talvez possamos dizer daqueles que um dia as habitaram (PESAVENTO, 2007).

Segundo Edelweiss:

Para Jacobs (2011), os olhos da cidade são os olhos das pessoas da cidade. Seu discurso defende o protagonismo da vida urbana em sua escala do espaço público, a conservação de valores de uso da cidade bem como a ocupação da mesma como forma de garantia de segurança pública. A preocupação com movimentos de substituição de sistemas existentes em prol de renovação é capaz de fazer com que lugares percam seu uso e expulsem a sua população original (EDELWEISS, 2016, p.157).

Como é sabido, o regime nazista acreditava na supremacia ariana e na, conseqüente, exclusão dos demais povos que não se encaixassem nessa “categoria”; desse modo, os judeus, homossexuais e negros, por exemplo, foram brutalmente perseguidos durante a Segunda Guerra Mundial. Assim sendo, facilmente chega-se à conclusão de que parte significativa dos olhos de Budapeste foi terrivelmente ‘descartada’ no final da década de 40, por um movimento que pregava a adoção de um novo sistema: um que escolhia quem era digno de ser considerado “gente”. Por causa disso, é muito válido afirmar que Budapeste perdeu consideravelmente parte de si naquele momento da sua história; ao ter sido agredida de tantas formas distintas, a cidade acabou por ter parcelas da sua identidade excluídas e enterradas junto aos corpos das vítimas do holocausto vivenciado naquele lugar.

Escondido no quintal da Sinagoga Great Dohanyi, o Parque Memorial do Holocausto,

em Budapeste, exalta os milhares de judeus húngaros que perderam suas vidas durante aquela dolorosa época. O detalhe mais contemplativo desse lugar, talvez seja, a escultura de um salgueiro, uma árvore de metal. A “Árvore das Vítimas”, ou ainda a “Árvore da Vida” (Figura 7), é um monumento erguido em memória àqueles que perderam suas vidas durante a guerra; seus nomes estão inscritos nas folhas da árvore (Figura 8). É importante salientar que algumas folhas encontram-se sem nome, sendo dedicadas àqueles que morreram, mas cuja identificação não foi possível ser realizada. Isso faz com que suas histórias venham a se tornar parte da cidade, juntamente com as da população residente atual, reforçando a ideia de que a memória histórica de um lugar conta não apenas com suas vitórias passadas, mas também com as dores vivenciadas por seu povo.

Em Budapeste há um memorial ao longo do Rio Danúbio (Figuras 9 e 10) que traz um sentimento muito forte a quem olha imagens do local e sabe o que aqueles sapatinhos significam. Eles foram colocados ali como forma de lembrar todos os judeus que perderam suas vidas durante o Holocausto; sua posição naquele lugar da cidade tem a ver com o fuzilamento das vítimas no local, com eles enfileirados e fuzilados por soldados apoiadores do Partido Nazista Alemão. Ou seja, é uma intervenção urbana que tem o poder de trazer à tona a lembrança, a memória do que aconteceu naquele local, e de todas as vidas que foram perdidas em um momento deplorável da história mundial. Caso esse simples, porém extremamente significativo, gesto não existisse, e, no local, apenas um calçadão qualquer tivesse sido instalado, talvez poucas pessoas lembrassem do passado triste de Budapeste. E, desse modo, as memórias vívidas de muitos sobreviventes, hoje, já idosos, não teriam algo material para corroborá-las; aqueles que conseguiram sobreviver não teriam lugares que contem sobre seu passado e sobre familiares e amigos que não conseguiram escapar e acabaram por perder suas vidas. O memorial existente ao lado do rio Danúbio, por exemplo, retoma o tema da Arquitetura de Simbolismo ao contar a história de Budapeste, ao ter um significado, ser um símbolo para aquele lugar e para aquelas pessoas; pois, quem não está familiarizado com os acontecimentos daquela cidade, ao visitar o local, obviamente vai se interessar em saber o que aqueles sapatinhos estão “fazendo” ali, e o que significam.

Figuras 9 e 10 - Memorial do Holocausto, ao lado do rio Danúbio, em Budapeste. Os sapatos representam judeus húngaros que perderam suas vidas durante o Holocausto. Fontes: Imagem 9 - Mais do que uma imagem; Imagem 10 - Julia Bochat.

Conclusão

Budapeste serve como um maravilhoso exemplo de lugar que, mesmo diante de todo o caos, de todas as adversidades enfrentadas por seu povo, optou por mostrar ao mundo sua história, em vez de escondê-la. Os diversos monumentos presentes na cidade estão recepcionando à quem buscar conhecer essa belíssima cidade; obviamente, tal processo, pode-se dizer, de aceitação, não foi livre de dores, e, ainda assim, lembrar foi a escolha tomada por Budapeste. Sem a Arquitetura Icônica, seus moradores mais antigos não possuíam um lugar - ou vários, como lá ocorre - em que suas perdas possam, ainda hoje, ser lembradas, sentidas, e, pode-se dizer, aliviadas de modo tão palpável; isso, uma vez que as memórias são reforçadas através da materialidade, através da obra arquitetônica e urbana. E isso é contar a história de Budapeste e de seus moradores.

Por isso, manter na arquitetura e no urbanismo esses detalhes a respeito dos lugares, das cidades, é de tamanha importância. Em Budapeste, a sua história e a de milhares de indivíduos, ainda vivos ou não, está presente em toda a cidade, através de diversas intervenções arquitetônicas e urbanas, que vão além dos sapatos do Memorial do Holocausto, e dos demais exemplos apresentados. O arquiteto e urbanista é um dos privilegiados profissionais que pode, através de seu conhecimento, traduzir sentimentos, lembranças e desejos em algo físico; e, essa produção criativa traz consigo o poder de mexer com as pessoas. É, também, através de obras arquitetônicas e urbanísticas que os moradores mais antigos e idosos observam suas vidas expostas nas ruas da cidade, como algo valioso e que deve ser preservado. É por meio desse tipo de arte que muitos moradores sentem-se parte de um ambiente que, ainda já modificado pelo tempo, é capaz de transmitir a história passada, a sua história passada.

Logo, é possível entender como a Arquitetura Icônica, é de extrema importância em âmbitos sociais, pois reforça que o passado faz parte dos dias atuais, precisando ser exposto; a arquitetura e o urbanismo refletem identidade e memória como poucos outros fatos urbanos conseguem. A manutenção da memória afetiva e a sensação de pertencimento que é possível imprimir através de traços arquitetônicos e urbanísticos ao reforçar sensações e histórias do passado, ajuda com que as pessoas das mais distintas idades sintam-se parte de algo maior do que elas; como Pesavento cita, a cidade é sociabilidade, é alma. Apagar das ruas, das fachadas de uma cidade a história que ali se desenvolveu, porque traz lembranças negativas, apenas as esconde, as disfarça, não ajuda a tratar as cicatrizes causadas pela dor. A arquitetura icônica se baseia em validar os lugares que mexem com os sentimentos das pessoas, que significam algo para alguém e que fizeram parte do passado de alguém - como no caso dos idosos de Budapeste; e isso é o que deve ser a arquitetura e o urbanismo. Ter valor histórico, sensorial, sentimental; não apenas de mercado. Budapeste mostra como uma cidade pode ser linda e, ao mesmo tempo, contar suas memórias afetivas, suas dores, seu passado, sem deixar de lado sua beleza arquitetônica e urbana.

Referências

BEEVOR, Antony. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

EDELWEISS, Roberta. *Cidade contemporânea, memória e preservação patrimonial: uma interpretação a partir das preexistências culturais*. Campinas: Oculum ens., 2016.

HASTINGS, Max. *Inferno: o mundo em guerra 1939-1945*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

PESAVENTO, Sandra. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Rev. Bras. Hist., São Paulo, Vol. 27, N. 53, pp. 11-23, Junho 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de junho de 2019.

RIBEIRO, Nelson. *Arquitetura e simbolismo: novas abordagens no campo da análise do espaço e da cidade*. UFES/CBHA, 2009.